

Introdução geral

Desde o início da modernidade européia, no século XVII, o cristianismo vem sendo alvo de críticas e objeções, particularmente, por ser considerado inimigo das realizações do ser humano. De fato, a partir daquele século, a filosofia da subjetividade, o progresso do conhecimento científico e técnico e as mudanças políticas e econômicas fizeram com que o paradigma teocêntrico medieval fosse, aos poucos, superado pelo antropocentrismo. Uma nova cultura foi sendo gestada e uma nova visão do ser humano e do mundo foram se impondo. O processo de secularização foi colado em marcha. E o homem moderno procurou afirmar, de todas as formas, a partir da absolutização da razão suficiente, a sua autonomia e a desenvolvê-la no âmbito das relações com o mundo (conhecimento e domínio da natureza: ciência e técnica) e das relações sociais (política, economia e ética). Em meio a esta revolução epocal, o cristianismo, configurado como cristandade, manteve, por meio de suas instituições representantes, especialmente a Igreja Católica, uma forte resistência às mudanças que estavam acontecendo. Por isso, foi sendo visto com indiferença e, até mesmo, rechaçado por não poucos espíritos marcados pelos anseios modernos. Devido a isso, houve uma acentuada negação da fé em detrimento da razão, da religião em prol da afirmação da ciência, e de Deus com a finalidade de afirmar e desenvolver as potencialidades do ser humano. A oposição ao cristianismo, entretanto, se tornou mais acentuada com o surgimento do pensamento ateu sistematizado, principalmente aquele que é denominado de humanista.

Feuerbach, Marx, Nietzsche e Freud, os maiores expoentes dessa vertente de ateísmo, rejeitaram o cristianismo por considerá-lo como fator responsável pela alienação de diversos âmbitos da existência humana: do conjunto da humanidade e da própria existência corporal e terrestre (Feuerbach), da vontade de viver (Nietzsche), do compromisso transformador das relações sociais (Marx) e da maturidade psico-afetiva (Freud). E, além disso, rechaçaram o Deus da fé cristã, vendo-o apenas como uma criação antropológica com efeitos alienantes. Em outros termos, o ateísmo humanista combateu o cristianismo e a sua visão de Deus por considerá-los realidades humanas desumanizantes. Os negou para afirmar e possibilitar o desenvolvimento da suposta autonomia do ser humano.

No século XX, o processo de secularização, com o aporte teórico fornecido pelos pensadores ateus humanistas anticristãos e a configuração social do socialismo, fez com que surgisse, principalmente, na Europa, o fenômeno do “ateísmo das massas”, que perdeu forças no final da década de oitenta desse século. Não obstante, há, ainda hoje, em alguns países, como na Espanha e na Inglaterra, uma tentativa de apregoar e difundir o ateísmo à população por meio de propagandas públicas. E na rede mundial de computadores (*internet*) existem milhares de endereços eletrônicos (*sites*) que o defendem e o propagam. Entretanto, o ateísmo, como descrença na existência de Deus, é um fenômeno, segundo alguns sociólogos, insignificante estatisticamente. Hoje chama mais a atenção o dado do ateísmo prático, “viver como se Deus não existisse”, e o da indiferença religiosa. No entanto, ultimamente, tem aparecido uma literatura ateísta, de muita divulgação, combativa das religiões monoteístas, especialmente o cristianismo, e completamente avessa à idéia de um Deus pessoal criador e salvador. Trata-se de uma literatura que matiza o pensamento do ateísmo humanista anticristão de Feuerbach e dos “mestres da suspeita” (Marx, Nietzsche e Freud), sem trazer grandes novidades. Ora, o aparecimento dessa literatura revela que o substrato do pensamento ateu humanista não deixou de existir com o fim do fenômeno do “ateísmo das massas” e nem com o fim do bloco socialista do Leste europeu. Esta literatura mostra que o cristianismo e o Deus da fé cristã ainda são alvos de críticas em função de um suposto humanismo. Existe, portanto, um elemento da complexa e plural cultura hodierna, devido ao legado do pensamento moderno ateu, que se apresenta como suspeita à fé, à religião e ao Deus de caráter pessoal.

Mas, evidentemente, o ateísmo da atualidade não se configura, completamente, como militância contra Deus e contra as religiões. Ao contrário, muitos ateus procuram respeitar e, até, dialogar com o fenômeno religioso. Há pensadores ateus que estabeleceram e, ainda, estabelecem relações respeitadas com a religião, especialmente a cristã, por causa dos valores éticos desenvolvidos e transmitidos por ela: André Comte-Sponville, Luc Ferry, Vladimir Jankélévitch entre outros. E há, também, aqueles ateus que são indiferentes às questões que envolvem a religião. Deste modo, o ateísmo da atualidade caracteriza-se como multifacetário. Apresenta-se como indiferença, como oposição militante e como diálogo com o fator religioso.

Certamente, o ateísmo não deixa de ser um desafio à reflexão teológica. Nas décadas de sessenta a oitenta do século passado muitos teólogos levaram-no em conta como desafio teológico e pastoral. E hoje não deve ser diferente. A teologia deve continuar buscando estabelecer um diálogo aberto e respeitoso com esse fenômeno. E isto porque ela tem que levar em conta os “sinais dos tempos”. E o ateísmo configura-se como um dado de nossa cultura. Sendo assim, a reflexão teológica necessita considerá-lo, dialogar com ele e lhe mostrar, sem enveredar por uma apologética intransigente, a plausibilidade da fé cristã como caminho de realização do ser humano.

Pensando deste modo, nossa pesquisa teológica tem a pretensão de considerar o ateísmo e de tentar estabelecer um diálogo crítico com ele. Entretanto, priorizaremos aquele ateísmo que se apresenta como militância contra a religião, ou seja, aquele que é denominado de humanista anticristão. Na verdade, nosso objetivo consiste em conhecer esta vertente do ateísmo, particularmente as suas acusações e as suas críticas ao cristianismo, com a finalidade de destacar as interpelações que este ateísmo, tanto o de ontem como o de hoje, apresenta à teologia e à pastoral cristãs. E, também, faz parte do nosso objetivo principal, mostrar que a fé cristã, em seu núcleo, ou seja, na revelação de Deus *em e por* Jesus de Nazaré, não se configura contrária à afirmação do ser humano ou à humanização. Ao contrário, pretendemos demonstrar que esta fé revela-se humanizante, isto é, capaz de contribuir para que o cristão possa desenvolver e vivenciar as potencialidades intrínsecas do humano ou as suas dimensões peculiares de forma integradora.

Por isso, a nossa principal hipótese a ser investigada pode ser formulada do seguinte modo: o cristianismo ou a fé cristã se constitui como obstáculo à humanização ou à afirmação e à possibilidade de desenvolvimento das potencialidades dos homens e mulheres, tal como o ateísmo humanista anticristão apregoa? Ou, dito de forma contrária: o cristianismo ou a fé cristã pode contribuir para a humanização dos cristãos, contrariando o diagnóstico do ateísmo humanista anticristão? Conforme já dito, tentaremos comprovar a plausibilidade da fé cristã no que diz respeito a sua contribuição com a humanização dos cristãos.

Para comprovar a nossa hipótese e realizar nosso objetivo principal, vamos trilhar o seguinte caminho. Primeiro, tentaremos conhecer as considerações e as críticas que o pensamento ateu humanista faz à religião, sobretudo ao

cristianismo. Segundo, mostraremos como três teólogos contemporâneos, apoiados no dado da revelação de Deus *em e por* Jesus de Nazaré, apresentam a fé cristã como afirmação e possibilidade de humanização. Terceiro, buscaremos estabelecer o diálogo crítico com o pensamento ateu, percebendo suas interpelações para o cristianismo atual e mostrando que a fé cristã se constitui como uma das possibilidades de contribuição para o crescimento ou maturidade do ser humano.

Sendo assim, a nossa pesquisa será dividida em duas partes. Na primeira, intitulada “A concepção de religião segundo o ateísmo humanista anticristão e suas críticas ao cristianismo”, dedicaremos nossa atenção à investigação das teorias, concernentes à religião, de alguns ateus humanistas, como também faremos a exposição das críticas que alguns deles teceram e que outros continuam tecendo à religião, sobretudo à cristã. Esta parte será dividida em três capítulos.

No primeiro, vamos considerar a configuração do paradigma moderno, pautado no antropocentrismo, no dado da autonomia e no da valorização da razão científico-técnica, e a oposição a este paradigma, por parte da cristandade, como a causa principal do surgimento do ateísmo sistematizado. Além disso, vamos expor a concepção de religião e as críticas ao cristianismo feitas pelo fundador do ateísmo humanista, o filósofo alemão Ludwig Feuerbach. Mostraremos que, para ele, Deus nada mais é do que uma projeção do próprio homem com efeitos alienantes e desumanizantes.

No segundo capítulo, apresentaremos as concepções a respeito da religião e as críticas ao cristianismo dos “mestres da suspeita”. Constataremos que Marx, ao defender a tese de que a religião não passa de um modo de alienação e de uma expressão ideológica da infra-estrutura econômica da sociedade, acusa a fé cristã de servir aos interesses capitalistas com a finalidade de iludir os cristãos com realidades imaginárias (Deus, céu, vida eterna etc.) e de impedi-los de se empenharem pela instauração de relações sociais mais justas e humanas. Analisaremos, também, o pensamento de Nietzsche. Veremos que, para ele, o cristianismo se apresenta como negação da vida em detrimento da afirmação do nada. Exporemos, portanto, a crítica que ele tece à teologia, à moral e aos valores cristãos. Por fim, examinaremos a concepção crítica de Freud a respeito da religião. Mostraremos que, para o fundador da psicanálise, a religião encontra sua explicação nos dinamismos psíquicos. Para ele, toda expressão religiosa,

particular ou geral, não passa de neurose e ilusão. Veremos que, para ele, a religião, incluindo o cristianismo, perpetua o infantilismo psíquico, porque impede o indivíduo religioso de desenvolver a sua maturidade psicológica.

No terceiro capítulo, daremos destaque à concepção de religião e à crítica à fé cristã de três autores ateus contemporâneos: José Saramago, Michel Onfray e Richard Dawkins. Escolhemos estes, entre tantos outros, porque eles, além de representarem áreas diferentes do conhecimento e de terem suas obras publicadas em grande tiragem em todo o mundo, enquadram-se no ateísmo humanista anticristão, visto que fazem críticas à existência de Deus e às religiões monoteístas em defesa do ser humano. Nesse capítulo, ao analisarmos alguns romances do literato português José Saramago, constataremos que, para ele, Deus é simplesmente uma idéia poderosa, criada pelo homem e justificada pela religião, que se impõe ao indivíduo religioso fazendo com que esse tenha sua liberdade suprimida e algumas dimensões de sua vida negadas. Veremos, também, que, para ele, o cristianismo, além de ter provocado, ao longo da história, conflitos sangrentos entre os povos e entre os próprios cristãos, se assenta sobre a história de um homem (Jesus de Nazaré) que tem a sua liberdade e a sua vida negadas pela idéia sufocante de Deus. Já ao estudarmos a proposta de ateísmo militante do filósofo francês Michel Onfray, mostraremos que, para ele, as religiões monoteístas são “pulsões de morte”, visto que elas, no seu entender, fazem com que os crentes neguem duas coisas fundamentais à sua existência: a razão e a imanência. Por último, ao fazermos a exposição da análise crítica da religião realizada pelo biólogo evolucionista Richard Dawkins, veremos que, para ele, Deus e a religião nada mais são do que produtos da evolução biológica sem utilidade para o ser humano frente ao processo de seleção natural. Observaremos, ainda, que, segundo ele, as religiões, incluindo o cristianismo, impedem o progresso cultural, visto que elas se contrapõem à ciência e à técnica.

A segunda parte de nossa pesquisa, intitulada “O cristianismo como afirmação e desenvolvimento integral do humano”, constará de quatro capítulos, aqueles que corresponderão aos capítulos de quatro a sete. Nesta parte, nosso objetivo será o de apresentar a reflexão de três teólogos com a finalidade de expor uma visão diferente daquela do ateísmo humanista a respeito do cristianismo. Ressaltaremos na teologia desses autores que a fé cristã, em seu *núcleo*, isto é, na

revelação de Deus *em e por* Jesus de Nazaré, apresenta-se, fundamentalmente, como afirmação e possibilidade de desenvolvimento integral do ser humano.

Os autores que escolhemos para servir de referência ou de aporte para realizar nosso objetivo na segunda parte desta nossa pesquisa são os seguintes: Andrés Torres Queiruga, Jon Sobrino e Carlos Dominguez Morano. Nossa preferência pela reflexão desses teólogos, entre tantos outros, se justifica pelo fato de que eles, além de serem autores contemporâneos, procuraram fazer teologia, resguardando fidelidade ao núcleo original do cristianismo, para responder aos desafios impostos pela cultura atual à vivência e à explicitação teórica da fé cristã. Torres Queiruga, fundamentado na revelação de Deus *em e por* Jesus de Nazaré e levando em consideração o paradigma moderno como horizonte interpretativo de sua teologia, intenta superar o mal-entendido da modernidade que tende a conceber Deus e o cristianismo como obstáculos à realização dos homens e mulheres. Sobrino, por sua vez, também fiel ao núcleo da fé cristã, desenvolve uma cristologia, a partir da situação de injustiça do contexto latino-americano, para incentivar os cristãos ao seguimento de Jesus Cristo. Morano, por seu turno, partindo de Jesus de Nazaré, busca responder às interpelações que a psicanálise faz à vivência, à celebração e à expressão teórica da fé cristã. Para ele, ao contrário do que pensava Freud, o cristianismo, se for fiel ao dado da revelação, pode colaborar com o processo de amadurecimento psicológico dos cristãos. Sendo assim, a reflexão de cada um desses teólogos será apresentada em capítulos diferentes.

Deste modo, no quarto capítulo apresentaremos a reflexão teológica de Torres Queiruga. Abordaremos alguns temas de sua reflexão (revelação de Deus *em e por* Jesus de Nazaré; relação de Deus com o mundo e com o ser humano; revelação divina como possibilidade de realização do homem; Deus como oposição radical ao mal) com a intenção de mostrar que, na explicitação teórica da fé cristã, fiel ao dado da revelação, a afirmação do Deus cristão supõe imprescindivelmente a afirmação do humano. Em outros termos, almejamos comprovar que o Deus da fé cristã não está em oposição à afirmação do humano. E isso nem mesmo diante da realidade do mal que experimentamos ao longo da nossa vida.

No quinto capítulo, faremos a exposição da reflexão cristológica de Sobrino. Vamos priorizar alguns temas de sua teologia, relacionados diretamente

a Jesus de Nazaré (sua missão; sua experiência de Deus; sua atividade profética; sua morte; sua ressurreição e o seguimento a ele), com o objetivo de apresentar a fé cristã, em seu núcleo, como compromisso prático-social. Em outras palavras, pretendemos mostrar que o cristianismo, em seu fundamento, não aliena o cristão de seu compromisso de luta pela transformação das relações sociais desumanas, mas que, pelo contrário, o exige profundamente.

No sexto capítulo, abordaremos apenas dois temas da teologia desenvolvida por Morano, a saber: (1) a diferença entre o Deus imaginário e o Deus de Jesus; (2) a relação entre a experiência cristã e a culpabilidade. Com isso, pretendemos expor uma visão da fé cristã diferente da de Freud. Mostraremos que o Deus do cristianismo é, absolutamente, diferente e, radicalmente, oposto ao Deus construído a partir dos sentimentos infantis de onipotência relacionados às figuras parentais (pai e mãe). E, além disso, queremos demonstrar que a fé cristã, em seu núcleo, revela-se libertadora da culpabilidade persecutória. Ora, com isso, pretendemos mostrar que a experiência cristã se apresenta como um fator de possibilidade de realização da maioridade psicológica do ser humano.

No sétimo capítulo, tentaremos amarrar o conteúdo que será exposto nos capítulos precedentes. Na tentativa de estabelecer um diálogo aberto e crítico com o ateísmo humanista anticristão, iremos, nesse capítulo, realizar três coisas. Primeiro, teceremos a ele algumas críticas respeitadas. Segundo, pontuaremos algumas interpelações desse fenômeno ao cristianismo. Terceiro, a partir dos dados da exposição da reflexão teológica de Torres Queiruga, Sobrino e Morano, demonstraremos, de modo bastante sintético, que a fé cristã colabora para que o cristão possa viver humanizado ou maduro psicologicamente.

Em todo esse percurso de investigação, que nos propomos seguir, será adotado o método da pesquisa teórico-bibliográfica. Ou seja, tentaremos fazer a exposição do pensamento ateu humanista anticristão recorrendo à literatura principal dos autores que objetivamos estudar. O mesmo pode ser dito das reflexões teológicas de Torres Queiruga, Sobrino e Morano. Vamos investigar as suas obras mais expressivas. Mas devemos dizer que não vamos tecer críticas à reflexão desse teólogo. Faremos uma avaliação crítica respeitosa apenas do pensamento do ateísmo. E isso no último capítulo.

Para deixar bem clara a leitura desta pesquisa, achamos necessário elencar alguns pressupostos que iremos assumir ao longo dela.

O primeiro diz respeito à existência de Deus. Por ser tratar de uma pesquisa de teologia, assumimos simplesmente a existência de Deus como um dado inquestionável, como um postulado de fé. Ora, com isso queremos dizer que não temos a pretensão de provar com segurança, contra o ateísmo, que Deus existe. Isso, obviamente, é algo impossível. E o mesmo pode ser dito com relação à afirmação ateísta de que Deus não existe. Deus é transcendente e, como tal, escapa a uma comprovação racional categorial. Portanto, dizer que Ele existe ou não existe extrapola a nossa razão. Dessa maneira, podemos dizer que a nossa tese parte de um dado que não pode ser comprovado cientificamente, mas que se assenta num dado de fé.

O segundo pressuposto se refere à relação de proximidade e não de exclusão entre “cristianismo” e “fé cristã”. Evidentemente, religião e fé não se identificam inteiramente. E também não se opõe radicalmente. Religião é o conjunto de tudo aquilo que se serve para expressar a fé de forma institucionalizada (ritos, códigos morais, teologia, igrejas, devoções etc.). E a fé é a atitude pessoal ou comunitária de aderir, na totalidade da existência, ao Mistério ao qual se acredita. Sendo assim, o cristianismo e a fé cristã estão relacionados profundamente. O cristianismo é a expressão institucional da adesão (fé) ao mistério de Jesus Cristo. Não existe cristianismo sem a fé cristã e nem a fé cristã sem cristianismo. A fé cristã se expressa no cristianismo.

O terceiro pressuposto é o da superação da oposição entre revelação e religião. K. Barth, o grande teólogo protestante do século XX, estabeleceu uma oposição radical, que fora assumida por não poucos teólogos, entre a revelação e a religião. Para ele, a religião é obra humana. É a tentativa do homem de apoderar-se ou de manipular o divino ao seu favor. E a revelação é obra de Deus; é Deus que se revela e convida o ser humano a aceitá-Lo numa atitude de humildade e agradecimento. Nessa visão, a religião é negatividade e a revelação, algo positivo. Sendo assim, o cristianismo deveria superar aquilo que há em si de religião e se manter fiel à revelação. Em nossa tese, não compartilharemos dessa concepção. Entendemos que o cristianismo não traz em si a dinâmica de oposição entre religião e revelação. Se a religião é a forma de expressar de modo institucionalizado a fé ou a adesão ao Mistério, então, de certa maneira, nela está implicada a revelação. Com isso, o cristianismo é uma forma institucionalizada e cultural de se manter atualizada a revelação de Deus em Jesus Cristo e do homem

responder a essa revelação. O cristianismo está em relação profunda com a fé e a revelação. No entanto, é bem verdade que ele pode possuir elementos que deturpem a vivência da fé e a transmissão da revelação. E a essa deturpação não devemos denominar de religião, mas de elementos da religião infiéis ao dado da revelação. Desse modo, estamos cientes de que o cristianismo possui elementos que não expressam com fidelidade a revelação de Deus em Jesus Cristo. Por isso é que o cristianismo deve buscar resguardar em todas as suas expressões essa fidelidade para que possa transmitir o dado revelado e auxiliar aos cristãos a responderem com fé autêntica ao Deus que se revela e nos interpela.

O quarto pressuposto diz respeito ao que denominamos de *núcleo originário* ou *essência* do cristianismo ou da fé cristã. Ora, o cristianismo nasce de um evento, o evento histórico Jesus de Nazaré, e da proclamação de fé de que este Jesus é o Cristo, o Deus encarnado. Este é o seu fundamento, sua origem. Partindo desse dado, podemos afirmar que o núcleo ou essência do cristianismo é a revelação de Deus *em e por* Jesus de Nazaré. Dissemos *em* porque ele é o Filho, isto é, o próprio Deus encarnado e humanizado. Em Jesus, em toda sua estrutura humana, Deus se revela personificado em nossa história. E dissemos *por*, porque Jesus, como humano de verdade, sem deixar de ser divino, fez uma experiência humana de Deus que norteou toda sua existência e de Deus transmitiu uma imagem. E disso temos conhecimento por causa do texto neotestamentário.

O quinto pressuposto refere-se à concepção cristã de humanização. O ser humano não é concebido univocamente. Há inúmeras visões sobre o homem; uma pluralidade de antropologias. E por causa disso, existem também visões diferenciadas a respeito do que vem a ser a humanização. Na ótica cristã, a concepção de humanização encontra suas bases na idéia de ser humano que decorre da revelação divina transmitida pelo texto bíblico (Antigo e Novo Testamento). Especialmente, humanização tem a ver com Jesus de Nazaré, pois é ele quem nos revela não somente quem é Deus, mas quem é também o ser humano. Segundo a antropologia cristã, Jesus é o ser humano por excelência; o ser humano completamente humanizado. Por isso, humanizar-se significa buscar se fazer humano como Jesus de Nazaré. Em outros termos podemos dizer que humanizar-se é procurar desenvolver, à luz de Jesus, de modo integrado, as nossas potencialidades humanas (liberdade, responsabilidade, autonomia, individualidade, perseidade, sexualidade, razão...), procurando relacionar-se de

forma respeitosa com os nossos semelhantes, com o Mistério (Deus) e com o mundo da natureza. Em nossa tese assumiremos essa visão de humanização. Por isso ao dizermos que o cristianismo afirma o humano e que colabora com a humanização, estaremos asseverando que ele não repudia, nem vilipendia, nem desrespeita as potencialidades características do ser humano e nem o orienta ou conduz ao estabelecimento de relações de manipulação ou de desrespeito com a alteridade. Pelo contrário, o cristianismo auxilia os cristãos a assumirem o processo de humanização, ou seja, a se tornarem humanos à luz de Jesus de Nazaré.

Para terminar, queremos deixar claro que esta pesquisa, embora traga muitos elementos da cristologia e da teologia fundamental, se apresenta como reflexão da área da antropologia teológica em relação com a filosofia da religião, pois se centra no problema da relação entre Deus e o ser humano ou na problemática da humanização ou da desumanização a partir da vivência da fé cristã.